



JUDITH BUTLER E MICHEL FOUCAULT: CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA PERFORMATIVIDADE, DO DISCURSO E DA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Marcelo Spitzner (UFSC)

Resumo

A partir de seu primeiro trabalho, *Subjects of Desire* (1987), Judith Butler tem, consistentemente, se comprometido com conceitos-chave do pensamento de Michel Foucault, assim como desenvolve elementos importantes no seu próprio quadro teórico como uma resposta ao que ela percebe ser inadequações na discussão foucaultiana. Considerando esta importante influência na obra de Judith Butler, este trabalho se propõe seguir as voltas e reviravoltas que caracterizam o engajamento de Butler com o pensamento de Foucault, concentrando-me sobre a noção de performatividade, introduzido no primeiro capítulo de *Problemas de Gênero*. A partir dessa obra, Butler constrói uma noção de poder e discurso que combina sua interpretação do poder foucaultiano com o discurso de Derrida, da genealogia foucaultiana como um projeto que desafia a naturalização do sujeito, da formulação de corpo situado de Beauvoir e dos efeitos materiais da linguagem propostos por Wittig. O conceito de performatividade une esses fios e os desenvolve em outras direções, como procuro demonstrar nesse artigo através de leituras de passagens de *Bodies that matter* e *Excitable Speech*, que, respectivamente, responde às críticas recebidas em relação a *Problemas de Gênero*, evidenciando os processos iterativos que constituem a performatividade, e, através da análise de discursos injuriosos e de demandas de criminalização dos que produzem esses discursos, Butler esclarece os aspectos repressivo e produtivo da lei na constituição dos sujeitos.

Palavras-chave: performatividade, poder, discurso, Judith Butler, Michel Foucault

Abstract

Since her first work, Subjects of Desire (1987), Judith Butler has consistently been committed to key concepts of the thought of Michel Foucault, and she has developed important elements in her own theoretical framework as a response to what she perceives to be inadequacies in Foucault's discussion. Considering this important influence on the work of Judith Butler, this



work intends to follow the twists and turns that characterize Butler's engagement with Foucault's thought, concentrating on the notion of performativity, introduced in the first chapter of Gender Trouble. From this work, Butler builds a sense of power and discourse that combines her interpretation of Foucault's power with Derrida's discourse, Foucault's genealogy as a project that defies naturalization of the subject, the Beauvoir's formulation of the situated body and the material effects of language proposed by Wittig. The concept of performativity unites these wires and develops them in other directions, as I try to demonstrate in this article through readings of some pieces of Bodies that matter and Excitable Speech, which respectively responds to criticism received on Gender Issues, highlighting the iterative processes constituting performativity, and through the analysis of injurious speeches and the demands to criminalize who produces these speeches, Butler explains the repressive and productive aspects of the law in the constitution of subjects.

Keywords: *performativity, power, discourse, Judith Butler, Michel Foucault*

Considerações iniciais

A partir de seu primeiro trabalho, *Subjects of Desire* (1987)¹, Judith Butler tem, consistentemente, se comprometido com conceitos-chave do pensamento de Michel Foucault, assim como desenvolve elementos importantes no seu próprio quadro teórico como uma resposta ao que ela percebe ser inadequações na discussão foucaultiana. O trabalho de Butler é relativamente recente, mas sua produção tem sido substancial e ainda está em curso. Enquanto ela se define como filósofa, sua influência é evidente em uma série de disciplinas acadêmicas. Em 2012, em meio a protestos de grupos que apoiam a política de Israel sobre os palestinos, Butler recebeu o Prêmio Adorno. Tal fato, além de comprovar a importância de suas teorizações no campo dos estudos feministas, do pós-estruturalismo e diversas correntes teóricas ditas pós-modernas, demonstrou o seu peso nas discussões a respeito do sionismo e da questão palestina, suas preocupações com a guerra, o terror, o luto e a precariedade. No Brasil, a obra

¹ Apresentarei entre parênteses ao longo desse trabalho o ano de publicação da obra. Na referência mais completa, no entanto, será apresentada a edição utilizada nesse trabalho.



butleriana tem sido, especialmente depois do início dos anos 2000, e principalmente depois de alguns artigos publicados nos Cadernos Pagu e da tradução de *Gender Trouble* em 2003, entusiasticamente estudada². Foucault, por sua vez, tem sido influente e amplamente comentado por mais de 40 anos. A recente e contínua publicação de seus cursos no Collège de France significa que há sempre mais a oportunidade para a apresentação de novas leituras de sua obra³. A combinação de todos esses fatores faz com que um estudo de interpretação do pensamento de Butler e Foucault, suas convergências e apropriações por outros e novos campos críticos e teóricos, como os queer studies⁴, seja, além de relevante, cada vez mais urgente.

Introdução ao debate

Em suas três grandes obras depois de *Gender Trouble* (1990) - *Bodies That Matter* (1993), *The Psychic Life of Power* (1997) e *Excitable Speech* (1997a)⁵ - Butler formula quatro

² Ressalto ainda que enquanto concluo esse artigo, novas publicações são lançadas, como o dossiê organizado pela revista Periódicos da UFBA, como preparação e reflexão em torno da vinda de Judith Butler em setembro de 2015 para uma série de conferências e seminários, dentre os quais o II Seminário Internacional Desfazendo Gênero, realizado em Salvador, entre 4 e 7 de Setembro de 2015. Além disso, dois livros foram traduzidos em 2015, o *Giving an Account of Oneself* (2005), e o *Frames of War. When Is Life Grievable?* (2009). Creio que as traduções desses livros possam recolocar a recepção da obra de Judith Butler no Brasil para além do campo dos estudos feministas e da teoria *queer*, dada sua importante incursão nessas obras na filosofia política, em suas reflexões sobre ética e da reconceptualização das esquerdas políticas frente a questão da guerra. Além disso, aposto que daí poderão surgir novos apontamentos sobre a própria discussão da performatividade em diálogo com suas proposições em torno do conceito de precariedade.

³ As recentes publicações na França de *Le Gouvernement de soi et des autres*, *Le Courage de La vérité*, e *Le corps utopique, les hétérotopies*, traduzidos no Brasil em 2010, 2011 e 2013, respectivamente, têm lançado novos olhares e conceitos para os que se debruçam sobre a obra de Foucault.

⁴ A teoria *queer*, iniciada nos anos 1990, tem sido grandemente influenciada por Judith Butler e Michel Foucault, além de beber em fontes como Deleuze, Derrida, Lacan, Althusser, Wittig e Beauvoir (todas referências importantes na obra de Butler), posiciona-se criticamente aos pressupostos identitários, tais como heterossexual e homossexual, como anteriores ao discurso. Dessa forma, o conceito de performatividade, tal como Butler o formula, é essencial para a compreensão dos estudos *queer*.

⁵ Nenhum desses quatro livros posteriores a *Gender Trouble* foi traduzido para o português. Apesar de *Gender Trouble* ter sido traduzido como Problemas de Gênero (2003), utilizo nesse trabalho o texto original em inglês. Os textos que não possuem tradução em português serão traduções minhas apresentadas no próprio texto, quando de se tratarem de citações curtas e em rodapé, quando se tratarem de citações longas recuadas. No caso de *Gender*



linhas de crítica do pensamento de Foucault: em primeiro lugar, ele não explica adequadamente a forma como o corpo material é constituído pelo poder discursivo; em segundo lugar, ele não consegue reconhecer a natureza excludente do poder; em terceiro lugar, ele não dá a devida atenção para o problema da agência e de resistência; em quarto lugar, ele ignora em grande parte o domínio da psique.

Como veremos, Butler desenvolve essas críticas dentro dos parâmetros de seu próprio projeto, e em termos que são determinados pelo seu afã de dar um giro no pensamento de Foucault. Depois de *Subjects of Desire* (1987), seu contínuo compromisso com o trabalho de Foucault envolve uma reinterpretação de seu pensamento a fim de aplicá-lo a problemas diferentes do que foi originalmente concebido para responder. Este processo de interpretação é um constante esforço; como veremos, Butler retorna muitas vezes as mesmas passagens da obra de Foucault.

Neste trabalho, tentarei seguir as voltas e reviravoltas que caracterizam o engajamento de Butler com o pensamento de Foucault, concentrando-me sobre a noção de performatividade, que é central para o seu projeto⁶. Poderia ser importante observar como, em *Subjects of Desire*, ela forja uma interpretação do poder foucaultiano, como jurídico e repressivo, produtivo e discursivo, volátil e expansivo. Já em *Gender Trouble* (1990), ela construiu uma noção de poder e discurso que combina sua interpretação do poder foucaultiano com o discurso de Derrida, e uma noção de genealogia foucaultiana como um projeto que desafia a naturalização do sujeito. O conceito de performatividade⁷ de Butler une todos esses fios e também os desenvolve em novas direções.

Trouble, quando em citação recuada, a tradução que será apresentada em rodapé será da tradução publicada no Brasil (BUTLER, 2003).

⁶ Neste trabalho não abordarei a questão da relação de Foucault com a psicanálise, quarto ponto de crítica de Butler e que está concentrada em seu livro *The Psychic Life of Power* (1997)

⁷ Para um discussão que debata a pertinência desse conceito no contexto brasileiro a partir da etnografia, ver Miskolci & Pelúcio (2007)



Na entrevista ‘Gender as Performance’ (1994), ela afirma que ela concebeu a noção de performatividade para explicar como o discurso produz o sujeito - algo que ela considera não adequadamente desenvolvido por Foucault:

I begin with the Foucaultian premise that power works in part through discourse and it works in part to produce and destabilize subjects. But then, when one starts to think carefully about how discourse might be said to produce a subject, it’s clear that one’s already talking about a certain figure or trope of production. It’s at this point that it’s useful to turn to the notion of performativity (1994: 33).⁸

Neste trabalho, mostrarei como a noção de performatividade emerge do engajamento de Butler com o trabalho de Foucault, e como ela então usa esse conceito para reinterpretar seu pensamento.

Da Superfície Inscrita à Performatividade

No final de *Subjects of Desire* (1987: 236-8), Butler discute o fato de que Foucault, em seu ensaio ‘Nietzsche, a Genealogia e a História’ (1971), descreve a visão de Nietzsche do corpo como uma superfície inscrita na qual os eventos da história são impressas e a partir da qual emergem significações. Interpretando isso como a visão própria de Foucault, ela argumenta que a inscrição é uma noção mais complicada do que ele sugere; é preciso ser concebida em termos de diferentes tipos de corpos. Uma das questões que ela levanta aqui é como podemos entender o corpo como a superfície inscrita das relações de gênero. Como vou mostrar, é na tentativa de formular uma resposta a esta pergunta que ela desenvolve sua noção de performatividade.

⁸ Começo com a premissa foucaultiana de que o poder funciona em parte através do discurso e ele funciona em parte para produzir e desestabilizar sujeitos. Mas então, quando se começa a pensar cuidadosamente sobre como o discurso pode ser dito para produzir um sujeito, é claro que já está se falando sobre uma determinada figura ou tropo da produção. É neste ponto que é útil voltar para a noção de performatividade.



Depois de escrever *Subjects of Desire*, Butler primeiro retoma o tema de inscrição do corpo em seu artigo ‘Foucault and the Paradox of Bodily Inscriptions’ (1989), partes dele estão incluídas em *Gender Trouble* (1990).⁹

Butler (1990: 134-6) baseia-se na breve apresentação de Foucault da noção de alma do prisioneiro em *Vigiar e Punir* (1975) para explicar como, ao invés de ser uma materialidade fora e antes do poder e do discurso, o corpo sexuado é produzido por estes.

Butler argumenta que, no relato de Foucault dos prisioneiros, a lei não é apresentada como externa aos seus corpos, mas como representada sobre eles. Está inscrita nos seus corpos como o que os define e dá-lhes a sua inteligibilidade; é sinônimo de sua essência ou alma. Ela sugere que, para Foucault, a alma não é interior ao corpo, mas é inscrito na superfície do corpo, como a significação de uma interioridade invisível, ilusória, que define o sujeito:

The figure of the interior soul understood as “within” the body is signified through its inscription *on* the body, even though its primary mode of signification is through its very absence, its potent invisibility. (1990: 135).¹⁰

Aplicando esta análise para o corpo sexuado, Butler argumenta que a significação da lei do gênero - os tabus contra incesto e homossexualidade - no corpo cria a ilusão de um interior, organizando o núcleo de gênero que define a essência do sujeito. Isto dá origem a uma estilização corporal de corpos que adquirem a sua coerência através da configuração binária de sexo, gênero e desejo.

⁹ Em *Gender Trouble*, ela argumenta que: In a sense, *Discipline and Punish* can be read as Foucault’s effort to rewrite Nietzsche’s doctrine of internalization in *On the Genealogy of Morals* on the model of *inscription*. (1990: 134). Segundo a tradução publicada em português: “Num sentido, *Vigiar e punir* pode ser lido como um esforço do autor para reescrever, sob o modelo da inscrição, a doutrina de Nietzsche, exposta em *A genealogia da moral*.” (2003: 192 – 193)

¹⁰ Segunda a tradução publicada no Brasil: “A figura da alma interior, compreendida como “dentro” do corpo, é significada por meio de sua inscrição *sobre* o corpo, mesmo que seu modo primário de significação seja por sua própria ausência, por sua poderosa invisibilidade.” (2003: 193)



Butler (1990: 139-41) desenvolve esta análise ainda mais através da elaboração do conceito de performatividade para explicar o conceito de significações sobre o corpo. Ela argumenta que a ilusão de um núcleo interno de gênero ou substância, inscrito na superfície do corpo, é o produto de ações que são "performativas" (1990: 139). A noção de performatividade de Butler é derivada da elaboração de JL Austin dos usos constatativos e performativos da linguagem em *How To Do Things With Words* (1962). Austin descreve o performativo como uma declaração que "Indica que a emissão da declaração é a realização de uma ação" (Austin, 1962: 6).

Em *Gender Trouble*, performativos são apresentados como atos corporais e práticas significantes que, constrangidos pelo poder, produzem corpos sexuados e identidades de gênero através de processos de repetição. Neste texto, a noção de performatividade é utilizada para explicar a produtividade de práticas significantes: como produzem sexo e gênero, e a ilusão de naturalização. Tal noção também é usada para neutralizar a metafísica da substância: não existem essências, somente atos singulares efetivam o que significam; o poder é produtivo através da força desses atos.

Embora a noção de performativo de Butler seja traçada a partir de Austin, outras influências são mais importantes para a noção mais ampla de performatividade que ela emprega. Performatividade incorpora sua interpretação do poder foucaultiano como jurídico e produtivo, funcionando por meio do discurso, e como construção de sujeitos. A noção de performatividade também se baseia no ensaio de Derrida "Devant la loi" (Derrida, 1985), no trabalho de Paul de Man sobre Nietzsche (De Man, 1979: 79-131), na noção de corpo situado (ou como situação) de Simone de Beauvoir (De Beauvoir, 1949)¹¹, e nas práticas de drags e nos estilos da butch/femme nas comunidades gays e lésbicas. (Butler, 1990: 136-9).

¹¹ Nota-se a importância do trabalho de Beauvoir em várias passagens de *Gender Trouble*, bem como em um artigo anterior de Butler intitulado "Variações sobre Sexo e Gênero: Beauvoir, Wittig, Foucault" (1987).



Em *Gender Trouble*, a visão de Wittig da linguagem como tendo efeitos materiais desempenha um papel importante na discussão de Butler de como sexo e gênero tornam-se sedimentados em atos performativos. Butler (1990: 114-6; 125-6; 139) mostra que, ao explicar como a heterossexualidade compulsória é construída, Wittig apresenta a linguagem como um sistema opressivo que molda violentamente tanto os corpos individuais como o mundo social; através dos atos repetidos de sujeitos falantes, a linguagem produz as categorias de sexo, homem e mulher, assim como aspectos da realidade social: "linguagem funciona em sentido *material* para construir o mundo social" (1990: 119). Butler argumenta que:

Wittig understands gender as the workings of "sex" where "sex" is an obligatory injunction for the body to become a cultural sign, to materialize itself...as a sustained and repeated corporeal project. (1990: 139).¹²

Em *Bodies That Matter* (1993), em contraste com a variedade de fontes para a noção de performatividade já referida, Foucault e Derrida emergem como as principais influências na formulação dessa noção de Butler. Neste texto, Butler volta sua atenção para o processo de sedimentação dos performativos. Em vez de a fabricação de efeitos, agora é a materialização de regulamentação que está em questão; em lugar de resistência como desnaturalização e a proliferação de estilos corpóreos alternativos, existe aqui uma aceitação da resistência de significantes para mudanças de significado.

Seguindo Derrida, Butler argumenta (1993: 13; 226-7) que a razão de os performativos produzirem efeitos é que eles são citações de convenções.¹³ Aplicando ao sexo, que ela define como atos performativos que citam normas. Ela argumenta que as normas

¹² Na tradução brasileira: "Wittig entende o gênero como operações do "sexo", em que o "sexo" é uma injunção obrigatória de que o corpo se torne um signo cultural, e que se materialize...como um projeto corporal contínuo e repetido" (2003: 199)

¹³ Butler traz este argumento de "Assinatura, Acontecimento, Contexto", (Derrida, 1972). Sua ênfase, no entanto, é diferente da de Derrida. Derrida usa a noção de citação para argumentar que o performativo, de acordo com a natureza de todos os tipos de signos, sempre tem a capacidade de mudar seu contexto. Butler discute esse aspecto da análise de Derrida no último capítulo de *Excitable Speech* (1997a).



obrigam a reiterações de si: a norma do sexo assume o controle na medida em que ela é citada como uma tal norma, mas ela também deriva seu poder através das citações que ela impõe. (1993: 13)

Butler apresenta agora a performatividade como o poder reiterativo do discurso para materializar o corpo, e outros objetos que o restringem e o controlam, através do processo de citação das normas. Os performativos produzem efeitos por meio da autoridade que acumulam ao longo do tempo.

Em *Bodies That Matter*, em contraste com *Gender Trouble*, Butler consistentemente emprega o termo "norma", ao invés de lei. Não há discussão sobre este movimento; no entanto, isso sinaliza um desenvolvimento importante em sua conceituação de poder. No trabalho anterior, sexo, gênero e sexualidade são apresentados como configurações culturais que combinam significação com processos regulatórios da lei; neste texto, como vimos, há pouca discussão de como estes processos funcionam. Em *Bodies That Matter*, o uso de Butler do conceito de norma lhe permite o primeiro plano da questão do poder, em vez do discurso, como em *Gender Trouble*. A norma é um conceito que descreve processos regulatórios; no entanto, no uso de Butler, também abrange significação. Significantes, tais como sexo e gênero, e nomes injuriosos, que ela agora também considera, são apresentados como sendo simultaneamente regulatórios e discursivos.

Em linha com estes desenvolvimentos no pensamento de Butler, como vou mostrar agora, o poder foucaultiano é redefinido como um processo repetitivo de citação de normas, que produz efeitos materiais; sua produtividade é vista em relação à constituição dos corpos (matter of the bodies) e, mais geralmente, da própria materialidade. Esta, por sua vez, leva Butler também a reformular as concepções de Foucault do corpo e da alma, no âmbito da sua noção de performatividade, como havia sido originalmente desenvolvida.



Na introdução de *Bodies That Matter*, Butler (1993: 8-10) retoma o argumento comumente consensual de que Foucault personifica o poder por posicioná-lo, em vez de agência humana, como o sujeito que produz história.¹⁴ Ao contrário, ela propõe uma interpretação do conceito de poder de Foucault como um processo de reiteração de normas regulatórias: "Não há poder que atua, mas apenas uma atuação reiterada que é poder em sua persistência e instabilidade". (1993: 9). Esta "ação reiterada" é o que caracteriza a performatividade.

Em *Bodies That Matter*, é o poder como ação reiterada que efetiva na constituição da matéria; materialidade é um efeito da força produtiva:

That matter is always materialised has, I think, to be thought in relation to the productive and, indeed, materializing effects of regulatory power in the Foucaultian sense. (1993: 9-10).¹⁵

Normas reguladoras agem performativamente para materializar o corpo sexuado; de fato, o corpo sexuado tem de ser conceituado como a materialização de normas regulatórias. (1993: 2).

Neste texto (1993: 32-35), Butler novamente retoma a breve passagem de *Vigiar e Punir* (1975) sobre a relação entre corpo e alma; desta vez, no contexto de uma conceptualização do corpo como um processo de concretização, e da alma como um processo de investimento no corpo. Aqui ela se baseia na noção aristotélica sobre a relação entre corpo e alma. Butler argumenta que, em seu trabalho, a alma significa a realização da matéria: a relação entre alma e corpo é como entre a cera e a forma que lhe é dado por seu selo; uma

¹⁴ Em *Gender Trouble*, como em *Subjects of Desire*, a linguagem com que Butler descreve o poder frequentemente exemplifica tal personificação do poder, por exemplo, quando ela descreve o erro de inferir que um desejo existe antes do poder: "the law produces the conceit of the repressed desire in order to rationalize its own self-amplifying strategies" (1990: 65) Na versão brasileira: "a lei produz a suposição do desejo recalcado para racionalizar suas próprias estratégias auto-ampliadoras" (2003: 101)

¹⁵ O fato de que a matéria é sempre materializada tem que ser pensado, na minha opinião, em relação aos efeitos produtivos e, na verdade, materializadores do poder regulatório, no sentido foucaultiano.



depende da outra. Em sua análise da alma em Foucault, ela ocupa a noção de Aristóteles de *schema*: a forma, formato ou figura sem a qual a matéria nunca aparece.

Butler argumenta que a alma em Foucault tem que ser vista como um conceito que historiciza esta formulação: alma (em Foucault) "atua como um esquema carregado de poder que produz e atualiza o próprio corpo" (1993: 33); é "um ideal normativo e normalizante" (1993: 33) que molda e forma o corpo. Ela sugere que, em *Vigiar e Punir*, a alma traz o prisioneiro à existência, no sentido de que sua sujeição é assegurada através da forma em que a alma age como o princípio da sua formação material como sujeito; o investimento de poder no corpo do prisioneiro e da materialização desse corpo são coextensivos.

Em uma nota importante que liga a constituição do corpo do prisioneiro a sua formação como sujeito, Butler elabora ainda mais sua interpretação do poder foucaultiano:

The soul renders the body uniform; disciplinary regimes train the body through a sustained repetition of rituals of cruelty that produce over time the gestural stylistics of the imprisoned body...It is in this sense that materialization can be described as the sedimenting effect of a regulated iterability. (1993: 252, nota 14).¹⁶

Aqui Butler apresenta a avaliação de Foucault sobre o funcionamento do poder em termos de performatividade: os elementos-chave da disciplina são a repetição de rituais, a iteratividade de regulações, e a sedimentação destes como o corpo estilizado do prisioneiro.

Esta exposição da visão de Foucault sobre a relação entre o corpo e a alma difere da interpretação anterior que Butler apresentou em *Gender Trouble*. Essa interpretação tem que ser colocada no contexto do seu ataque ao essencialismo e sua visão de que o poder e o discurso produzem efeitos ontológicos. Assim, a alma é descrita como significando uma interioridade ilusória, uma substância ou essência; gênero é apresentado como uma peça de fantasia na

¹⁶ A alma se torna o uniforme do corpo; regimes disciplinares treinam o corpo através de uma repetição contínua de rituais de crueldade que produzem ao longo do tempo as estilísticas gestuais do corpo encarcerado. ... É neste sentido que a materialização pode ser descrita como o efeito sedimentado de uma iteratividade regulamentada.



superfície do corpo; a alma do prisioneiro é representada como significando a lei - a essência do que sempre nos escapa.

Em *Bodies That Matter*, em vez de o jogo da lei se impor apenas sobre a superfície do corpo, a alma do prisioneiro é agora como uma materialização do corpo através de um investimento normativo pelo poder. No texto de Foucault, a disciplina molda indivíduos, em parte, através do estabelecimento de normas. Butler leva isso em sua representação da alma como um "ideal normalizável". De acordo com sua reconceitualização do poder foucaultiano através da performatividade, ela interpreta disciplina como uma prática reiterativa.

A reformulação de Butler do poder foucaultiano através da noção de performatividade representa uma tentativa de aproveitar os aspectos produtivos dessa noção. Derrida observa a afinidade entre a força que se vincula ao performativo de Austin, e o pensamento de Nietzsche (1985: 98). No entanto, a performatividade é também, na avaliação de Austin, um conceito jurídico. Butler assinala o lugar central ocupado pela cerimônia de casamento na análise austiniana, e o fato de que performativos incluem "sentenças judiciais, batizados, inaugurações, declarações de posse" (1993: 225).

Ao explicar como o poder não é um sujeito, mas uma "ação reiterada", uma reiteração, Butler emprega o modelo do juiz e da lei: "o juiz cita a lei que ele aplica, e é o poder desta citação que dá ao performativo seu poder vinculativo e conferente" (1993: 225). Em *Bodies That Matter*, em sua noção de que performativos derivam seu poder da citação das normas, Butler mantém a ligação que Austin estabelece entre a convenção e a força do performativo. Vale ressaltar que ela inicialmente toma a noção de performativo de Austin de um ensaio sobre a fonte da autoridade da lei, a saber: 'Devant la loi', de Derrida.¹⁷

¹⁷ Derrida argumenta que a lei depende de performances singulares para a sua existência, e sem estas não haveria lei. Estas performances exercem poder legislativo em virtude de sua condição de repetições de leis existentes.



Em *The History of Sexuality Volume 1* (1976), Foucault argumenta que uma das características de poder soberano e jurídico é que ele é modelado sobre o papel do legislador. Ele sugere que, neste modelo:

Power's hold on sex is maintained through language, or rather through the act of discourse that creates, from the very fact that it is articulated, a rule of law. It speaks, and that is the rule. The pure form of power resides in the function of the legislator; and its mode of action with regard to sex is of a juridico-discursive character. (1978: 83).¹⁸

Na formulação de Butler do performativo, é também através "da invocação da convenção" (1993: 225), da citação e reiteração de normas, que o discurso do juiz extrai sua força. Em *Bodies That Matter* (1993: 249), Butler interpreta a passagem acima citada como uma crítica da obra de Lacan. Ela defende a posição de Lacan argumentando que Foucault, equivocadamente, assume que a repetição tem que ser repetição do que é auto-idêntico; ele descreve a lei como "condenada a sempre repetir-se" (Foucault, 1976: 85).¹⁹

Na verdade, Butler realmente leva a noção de performativo para além do ritual de repetição: seguindo Derrida, ela argumenta que um performativo sempre tem a capacidade de romper com o seu contexto existente. No entanto, como vou mostrar na próxima seção, Butler terá dificuldade em conciliar os aspectos rituais e repetitivos da performatividade com a natureza volátil e expansionista que ela ainda atribui ao poder foucaultiano, e também com o significativo de Derrida, através do qual ela vê esse funcionamento do poder.

Poder, Interpelação, Resistência e Injúria

¹⁸ Mantenho a citação como analisada por Butler, na versão em inglês. Na versão brasileira do texto de Foucault lemos: "o domínio do poder sobre o sexo seria efetuado através da linguagem, ou melhor, por um ato de discurso que criaria, pelo próprio fato de se enunciar, um estado de direito. Ele fala e faz-se a regra. A forma pura do poder se encontraria na função do legislador; e seu modo de ação com respeito ao sexo seria jurídico-discursivo." (2007: 94)

¹⁹ Foucault, 2007: 96 – na tradução brasileira



Para Butler, uma das questões mais problemáticas na obra de Foucault é a possibilidade de resistência ao poder. Em um de seus primeiros trabalhos, 'The Force of Fantasy: Feminism, Mapplethorpe, and Discursive Excess' (1990a), Butler liga sua noção de resistência como resignificação ao conceito foucaultiano de um "discurso 'reverso'" (Foucault, 1976: 101). Em *The History of Sexuality Volume 1* (1976), Foucault observa que, na psiquiatria e jurisprudência do século XIX, a elaboração discursiva da homossexualidade e outras práticas sexuais minoritárias provocou aumento da regulamentação de um domínio que, anteriormente, tinha sido apenas categorizado como "perversão". No entanto, ao fazê-lo, também se tornou possível a formação de um discurso inverso em que os homossexuais formulassem exigências por direitos na mesma linguagem que havia sido usada para patologizá-los.

Butler interpreta o discurso reverso como um resultado acidental da regulação e uma consequência da natureza incontrolável do discurso; regimes regulatórios produzem as condições para a sua própria subversão (1990a: 198). Ela argumenta que Foucault deriva sua concepção de discurso reverso da noção de Nietzsche da cadeia de signos. Ela define essa noção como a ideia de que os fins originais de um signo são "invertidos e proliferaram ao longo da história de seus usos" (1990a: 198).

O trabalho citado acima é contemporâneo de *Gender Trouble* (1990) no qual o conceito de performatividade que é apresentado como oferecendo infinitas possibilidades de proliferação de estilos alternativos de gênero. Em *Bodies That Matter* (1993), no entanto, a resistência não é mais conceituada em termos de contestar a naturalização das categorias discursivas. Aqui, o foco é sobre a utilização de termos injuriosos dirigidos contra aqueles que estão nos limites da vida social e discursiva. Butler enfatiza a maneira em que os termos injuriosos atuam sobre a resignificação como uma influência constrangedora e como eles se sedimentam através do uso.



Tomando a noção da cadeia de signos de Nietzsche, Butler argumenta agora (1993: 223- 4) que a possibilidade de re-significação não pode ser deduzida a partir da natureza volátil do signo em si. Ela ressalta as dificuldades envolvidas na mudança do significado de termos que carregam uma longa história de lesão e vergonha: como o nome nos institui como sujeitos, não podemos esvaziá-lo totalmente; em vez disso temos que ressignificar o lugar da injúria a partir de uma posição possível de ocupá-la. Identificando novamente a posição de Foucault com cadeia de signo de Nietzsche, Butler infere que ele investe poder com a própria vida, como se isso pudesse reconfigurar-se a qualquer e em cada momento. Ela descreve a posição de Foucault como uma "utopia da ressignificação radical" (1993: 224).

Em seu trabalho, Butler também argumenta que a posição de Foucault mostra o aspecto oposto disso: não há espaço para a resistência. Esta crítica surge no contexto em que Butler desenvolve sua teoria a partir do modelo de Louis Althusser da constituição do sujeito por meio da interpelação. Em uma entrevista com Vikki Bell, 'On Speech, Race and Melancholia' (1999), Butler apresenta sua mirada sobre o trabalho de Althusser como uma resposta para o que ela percebe como inadequações na noção de Foucault na relação entre o discurso e o sujeito. Nessa mesma entrevista (1999a: 164) ela argumenta que a posição de Foucault é "muito unilateral": não pode dar conta da constituição parcial dos sujeitos, do fracasso da formação do sujeito, ou da constituição de sujeitos de maneiras imprevisíveis. Butler novamente refere-se ao prisioneiro de *Vigiar e Punir* (1975): "é como se o prisioneiro simplesmente fosse feito, é como se de alguma maneira o prisioneiro fosse constituído quase mecanicamente." (1999: 164)

Em *Ideology and Ideological State Apparatus*, Althusser (1970: 115-126) apresenta a cena de um transeunte anônimo que é abordado por um policial através de uma chamada de alarme "Ei, você aí!" - e responde por parar e se virar. Ele argumenta que este virar-se para enfrentar a lei alegoriza o processo pelo qual somos constituídos como sujeitos; neste caso,



como sujeitos da lei, de direito. Para Althusser, o sujeito não preexiste à lei; ao contrário, é preciso ser iniciado como um sujeito através do estabelecimento de uma relação com a lei.

Em *Bodies That Matter*, Butler vincula o conceito de interpelação de Althusser à sua noção de performatividade, argumentando que a abordagem da lei é performativa no que nos constitui como sujeitos: "o 'eu' só vem a existir no discurso na medida em que é chamado, nomeado, interpelado" (1993: 225). Em outras palavras, antes de podermos nos tornar sujeitos do discurso, temos primeiro que ser submetidos pelo discurso através do qual a lei se dirige a nós. Em sua entrevista com Vikki Bell, Butler argumenta que o modelo de Althusser evita o que ela vê como uma abordagem determinista por parte de Foucault; a estrutura de Althusser permite a possibilidade de que um sujeito não atenda ao chamado, ou assumi-lo de uma forma que não era a que se destinava ou que não era a pretendida.

À luz da discussão sobre o prisioneiro que Butler faz anteriormente, sua crítica à posição de Foucault não é surpreendente. Contudo, nesse momento, por um lado, ela está argumentando que Foucault apresenta-nos um modelo de formação do sujeito em que o efeito do poder é totalizante; e, por outro, que seu modelo de resistência implica que os efeitos de poder podem ser facilmente e sempre subvertidos e invertidos.

Em seu primeiro trabalho, *Subjects of Desire* (1987), Butler utilizou o conceito de poder de Foucault para propor uma teoria da resistência. Aqui ela demonstra que Foucault argumenta que a regulação pela lei gera inadvertidas consequências que proliferam fora de controle. Em *Gender Trouble*, a instabilidade do poder foucaultiano que foi destacado no trabalho anterior agora é reinterpretada como a propensão de repetição para desviar de normas regulatórias, e, assim, apresentar a possibilidade de sujeitos conscientemente proliferando configurações alternativas através de atos performativos. Embora, em *Bodies That Matter*, Butler argumente que Foucault não tem nenhuma teoria de resistência, em seu trabalho posterior ela continua a definir as possibilidades de resistência através da teoria foucaultina do poder. É o caso, como podemos notar, em *Excitable Speech* (1997a).



Neste texto, Butler explora o tema da interpelação injuriosa através de uma discussão alargada do discurso de ódio. Este engajamento leva a outra elaboração da relação entre a performatividade, a constituição do sujeito, e resistência, que é baseada, ainda, em outra interpretação do poder foucaultiano. Em *Excitable Speech*, Butler se afasta da sua preocupação anterior com a genealogia e os efeitos ontológicos do discurso, aplica seus conceitos de poder e performatividade a uma questão política contemporânea concreta; ou seja, as demandas atuais que exigem do Estado combater o discurso de ódio legislando sobre essa questão.

Este texto gira em torno da maneira como o performativo de Austin foi utilizado como uma ferramenta nestes esforços. Butler mostra como apoiantes da legislação contra o discurso de ódio nos EUA, como Catharine McKinnon, basearam-se no fato de que os performativos têm o caráter dual de dizer e fazer/realizar ao mesmo tempo. Ao defender uma posição que se opõe às demandas de intervenção do Estado no campo do discurso de ódio, Butler argumenta que nem todos os atos de fala que tem a forma do performativo são eficazes. Ela emprega a noção foucaultiana de poder para distinguir sua noção de performativo da versão apresentada pelos proponentes da legislação que, segundo ela, é baseada em um modelo legal ou jurídico.

Nesse contexto, a abordagem de Butler ao performativo marca uma saída da centralidade do conceito de sedimentação em *Bodies That Matter*, e da tentativa para redefinir o conceito de poder de Foucault através da noção de reiteração. Em *Excitable Speech* a natureza iterável da performatividade ainda é central para a análise de Butler. No entanto, sua ênfase agora recai sobre o fato de o caráter citacional do performativo significar que nem sua origem nem seu fim jamais poderão ser permanentemente fixos; o performativo pode ser sempre desligado tanto de seu contexto como do sujeito falante. Esta noção da vulnerabilidade do performativo à reapropriação agora é combinada com um contexto de instituições e práticas sociais que estava, em grande parte, ausente de seu trabalho anterior. *Excitable Speech* fornece



análises de práticas pornográficas, antidiscriminação legislação e homofobia nas forças armadas.

A principal crítica de Butler (1997a: 1-41; 71-82) sobre os proponentes da legislação contra o discurso de ódio é que a noção de que atos de fala sempre fazem o que dizem é modelada na linguagem jurídica e no poder de um Estado soberano. Ela argumenta que, hoje, os atos de fala do poder judiciário e da polícia podem agir desta forma, mas aqueles de grupos e indivíduos fora do aparelho de Estado não; enquanto o discurso de ódio pode agir injuriosamente, aqueles que o proferem não podem garantir que atos de discurso de ódio sobre os outros da mesma maneira.

Butler (1997a: 74-80) apresenta um modelo alternativo do funcionamento do performativo. Ela baseia esta apresentação em uma nova descrição da noção foucaultiana de poder: às suas descrições anteriores do poder como proliferação e reiteração, ela agora adiciona o poder como uma dispersão. Nessa discussão, ela se concentra na concepção foucaultiana de poder como emanando de diferentes locais, ao invés de como sendo realizado por grupos ou indivíduos específicos. Ela argumenta que, neste modelo, o poder tem de ser visto como realizado nos efeitos das práticas; e o sujeito tem de ser visto como constituído por essas práticas, e não como aquele que empunha poder.

Com base nesta análise, Butler argumenta que a responsabilidade pela incitação ao ódio não pode ser atribuída a falantes individuais; já que o poder para ferir que desencadeia tem de ser visto como disperso em diferentes instituições dentro dos aparelhos do Estado e da sociedade civil. Pela mesma razão, o efeito do discurso de ódio nos grupos minoritários não pode ser visto como totalizante; a dispersão do poder produz resistência, possivelmente em vez da aceitação de um estatuto de vítimas. Em linha com esta tentativa de distanciar o funcionamento da maioria dos performativos de um modelo legal, Butler (1997a: 35-6) também apresenta uma análise não-jurídica da nomeação injuriosa: a nomeação tem de ser conceituada como um processo em curso que engloba uma história diversa, móvel e complexa de relações.



O argumento que Butler apresenta em *Excitable Speech* sugere que existem dois tipos de performativos: performativos soberanos que emanam do aparelho de Estado, cuja eficácia está garantida; e outros performativos que derivam sua força a partir da rede dispersa de relações de poder na sociedade civil e, frequentemente, não têm a mesma eficácia. Essa distinção entre as formas em que os performativos que emanam do Estado diferem de outros performativos solapa a base da análise foucaultiana inicial de Butler de que o poder não é mais soberano em si, mas disperso por toda a sociedade.

Foucault rejeita a distinção entre o Estado e a sociedade civil, que Butler emprega²⁰. Em *Vigiar e Punir*, por exemplo, ele mostra como o poder disciplinar que se espalha através da sociedade também se transforma, e liga-se com o aparelho de Estado. A distinção de Butler entre Estado e sociedade civil levanta o problema de onde o aparelho do Estado termina e onde a sociedade civil começa. Se apenas os performativos do Estado têm garantias de eficácia, como, por exemplo, gênero e sexualidade são constituídos?

A distinção de Butler entre performativos que emanam do Estado, e outro performativos, tem que ser vista como uma resposta a um problema que surge logo que o performativo é conceituado no modelo de Derrida: se cada citação traz a possibilidade de uma ruptura com o contexto, então como fazer performativos sempre se tornarem sedimentados? E por que alguns se tornam sedimentados dentro de um contexto, mas não outros? Este é um problema que Butler considera no último capítulo de *Excitable Speech* onde ela compara o desenvolvimento de Derrida do performativo de Austin com o de Pierre Bourdieu.

Aqui (1997a: 141-63), ela fornece uma leitura crítica da posição de Derrida. Ela argumenta que ao apresentar a iteratividade e o rompimento a partir de contextos anteriores como características atribuíveis à natureza do próprio signo, Derrida exclui a possibilidade de

²⁰ Ver entrevista de Foucault: "I think that the theoretical opposition between the state and civil society, on which political theory has been labouring for a hundred and fifty years, is not very productive." (1978a: 290). "Eu acho que a oposição teórica entre o Estado e sociedade civil, em que a teoria política tem trabalhado para cento e cinquenta anos, não é muito produtiva"



uma análise social; não somos capazes de perguntar por que alguns performativos exercem mais força social do que outros e, por outro lado, por que alguns parecem irromper mais facilmente a partir de seus contextos sociais que os outros.

Butler argumenta que Bourdieu é capaz de oferecer uma dessas descrições, mas a um custo: ele atribui a força do performativo para a posição de poder social ocupada pelo sujeito; no entanto, neste modelo, o performativo não pode fazer nada além de reforçar o status quo - não pode romper com seu contexto. Em sua discussão, Butler usa a visão de Foucault de poder e discurso como coextensivo, e do poder como emanando tanto de lugares oficiais e não oficiais, para criticar a posição de Bourdieu de que a linguagem recebe sua autoridade de posições diferenciais em uma esfera social que lhe é exterior.

Butler não oferece alternativa para o impasse apresentado por essa justaposição de posições de Derrida e de Bourdieu: "Ainda temos que chegar a uma descrição da iteratividade social da enunciação" (1997a: 150). No final de *Excitable Speech*, o leitor é, portanto, confrontado com uma situação em que, depois de o conceito de performatividade ter sido desvendado em relação a situações políticas concretas, nenhuma solução é oferecida para os problemas em que seu emprego foi apresentado.

O que é surpreendente sobre a análise de Butler é que os recursos oferecidos pelas noções de Foucault de tecnologia e estratégia para analisar a sedimentação das relações entre o poder e discurso são ignorados. Estes são os conceitos que complementam a sua visão do social como uma série de relações móveis emanando de diversos lugares: tecnologias se constituem relativamente estável, mas dinâmicas, composições de poder e conhecimento que são formadas na vida social prática; estratégias de moldar as trajetórias móveis seguidas de poder e discurso.

Referências



Althusser, L. Ideology and Ideological State Apparatus (Notes Towards an Investigation). In **Lenin and Philosophy and Other Essays**, 85-126. Monthly Review Press, 2001.

Austin, J.L. **How to do things with words**. London: Oxford University Press, 1962.

Butler, J. **Bodies That Matter: On the Discursive Limits of Sex**. New York: Routledge, 1993.

_____. **Excitable Speech: A Politics of the Performative**. New York: Routledge, 1997a

_____. Foucault and the Paradox of Bodily Inscriptions. In **Journal of Philosophy**, 86 (11): 601-7, 1989.

_____. Gender as Performance: An Interview with Judith Butler, conducted by Peter Osborne and Lynne Segal. **Radical Philosophy**, 67: 32-9, 1994.

_____. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. *New York*: Routledge, 1990

_____. On Speech, Race and Melancholia. An Interview with Judith Butler, conducted by Vikki Bell. In **Theory, Culture and Society**, 16 (2): 163-74, 1999.

_____. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. [trad. Renato Aguiar] Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Subjects of Desire: Hegelian Reflections in Twentieth-Century France*. New York: Columbia University Press. 1987



_____. The Force of Fantasy: Feminism, Mapplethorpe, and Discursive Excess. In *The Judith Butler Reader*, ed. Sara Salih, 183-203. Blackwell, 2004. 1990a

_____. **The Psychic life of Power: Theories in Subjection.** Stanford University Press, 1997

_____. Variações sobre Sexo e Gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault. In: Benhabib, S. & Cornell, D. (org). **Feminismo Como Crítica da Modernidade.** [trad. Nathanael da Costa Caixeiro]. Rio de Janeiro, RJ: Editora Rosa dos Tempos, 1987.

Derrida, J. Assinatura, Acontecimento, Contexto. In: **Limited Inc.** Campinas, SP: Papius, 1991, p. 11 – 37.

_____. Devant la loi. In: **Kafka and the Contemporary Performance: Centenary Readings,** ed. Alan Udoff, 128-49. Indiana University Press, 1987.

Foucault, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber.** 11^a Ed. [trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. ^a Gelhan Albuquerque]. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. Interview with Michel Foucault. In: **Power: Essential Works of Foucault 1954-1984** Volume 3, ed. James D. Faubion, tr. Robert Hurley and others 239-97. New Press, 2000.

_____. **Microfísica do poder.** 25^a. Ed. [org. e trad. Roberto Machado]. São Paulo: Graal, 2012.

_____. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do poder.** 25^a. Ed. [org. e trad. Roberto Machado]. São Paulo: Graal, 2012, p. 55 – 86.



_____. **The History of Sexuality Volume 1: An Introduction**, tr. Robert Hurley. New York: Penguin, 1978.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 38^a. Ed. [trad. Raquel Ramallete]. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

Miskolci, R. & Pelúcio, L. Fora do Sujeito e Fora do Lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis. *In Gênero*. Niterói, v. 7, n. 2, p. 255-267, 1. sem. 2007.